

Floresta Amazônica sofreu impacto de cometa

Josemar Gonçalves

25/06/97 — Adriana Galdas

■ Cientistas crêem que objetos achados são pedaços do 'swift-tutle'

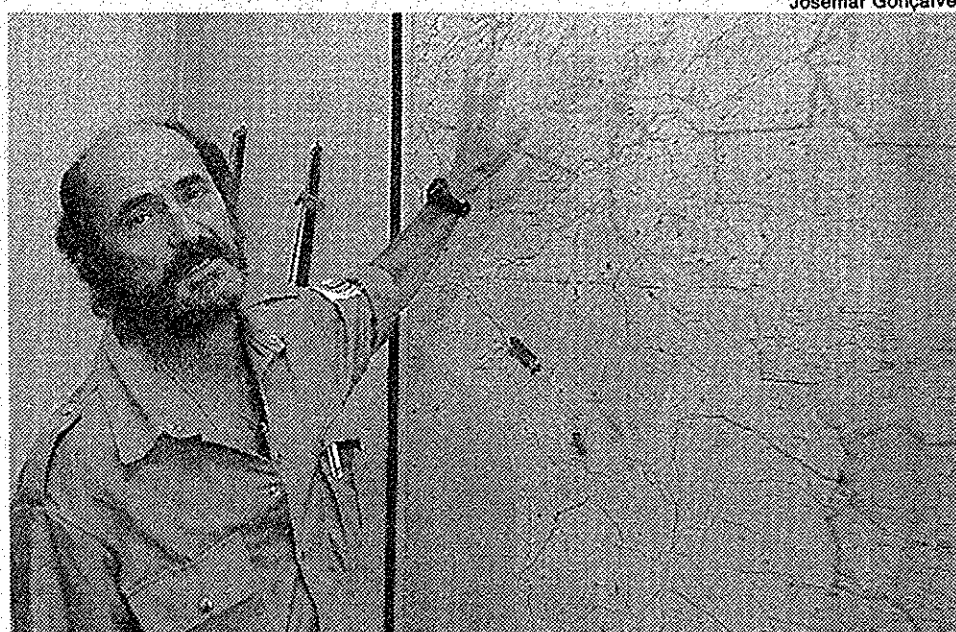
ELIANA LUCENA

BRASÍLIA — Não são meteoritos, mas provavelmente três fragmentos do cometa *swift-tutle*, os objetos que caíram, há 67 anos, no meio da floresta amazônica, próximo à fronteira com o Peru, deixando em pânico a população da região. Uma equipe de cientistas, com a ajuda de sertanistas da Fundação Nacional do Índio (Funai), conseguiu chegar, há duas semanas, depois de estudar fotos de satélite fornecidas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), a uma das áreas que teriam sofrido o impacto. Uma cratera com mais de um quilômetro, coberta pela mata, na forma de elipse, começa a desvendar a história, praticamente desconhecida no Brasil.

O caso brasileiro chamou atenção pela intensidade do impacto e por tratar-se de um fenômeno recente. "No Brasil, sabe-se da existência de crateras abertas por pedaços de cometas, mas durante o período pré-histórico", explica o astrofísico Ramiro de La Reza, um dos coordenadores da expedição científica. Na região do rio Araguaia há uma cratera de 40 kms de diâmetro.

Os cientistas recolheram na Amazônia amostras do solo. De La Reza, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro, adiantou que não foram encontrados fragmentos de meteoritos. "Recolhemos argilas comprimidas nas paredes da cratera. Em dois a três meses vamos confirmar se a cristalização da terra ocorreu em consequência de pedaços do cometa", afirmou de La Reza. As pesquisas em outros locais onde os fragmentos teriam caído são bastante difíceis por causa da densa vegetação.

Os pesquisadores calculam que o fragmento que formou a cratera teria em torno de 50 metros de diâmetro, e caiu à uma velocidade de 40 kms por segundo. "Se o impacto tivesse ocorrido numa área habitada, ou no mar, próximo ao continente, teria causado grande destruição", afirma o pesquisador. No mar, se daria o fenômeno conhecido como *tsunami*, com ondas de até

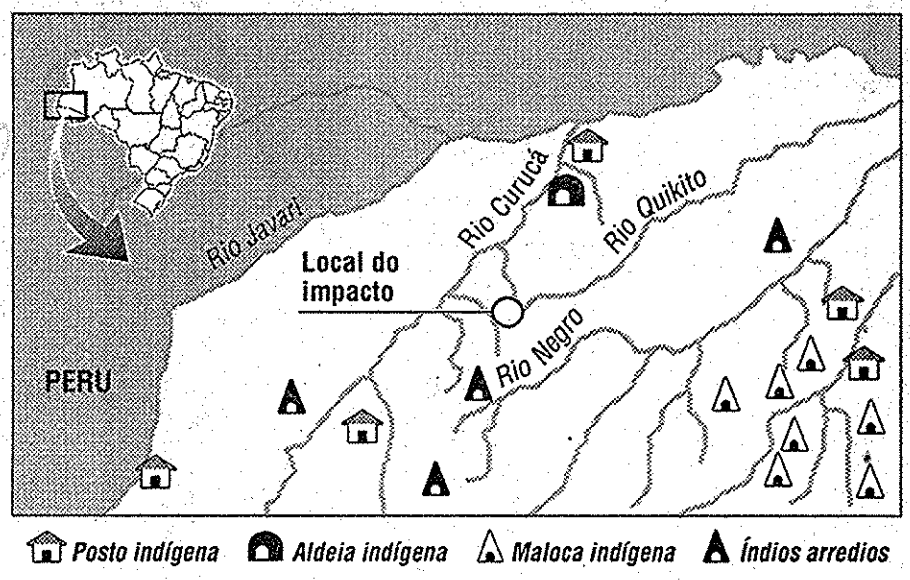


O sertanista Sidney Possuelo aponta no mapa a exata localização dos fragmentos



Pedaços de argila comprimida nas paredes da cratera foram recolhidos para estudos

Onde o cometa caiu



20 metros. As primeiras avaliações, segundo de La Reza, levam em conta a coincidência das órbitas da terra e do cometa a cada ano, nos dias 12 e 13 de agosto. O *swift-tutle* é melhor apreciado no hemisfério norte.

Relatos de padres capuchinhos, que chegaram a ser publicados no jornal do Vaticano, L'Osservatore Romano, e registros de sismógrafos em La Paz, na Bolívia,

determinam a mesma hora em que houve o impacto: 7 horas da manhã, do dia 13 de agosto de 1930. "A descoberta reforça que a terra está sendo constantemente bombardeada por objetos que caem do espaço", afirma o pesquisador.

Para chegar ao local indicado pelas imagens fornecidas através do satélite Landsat, a expedição foi obrigada a atravessar uma área próxima à terra habitada

por índios mayas, não muito distante de onde vive outro grupo, os corubos, contactados há poucos meses pelo sertanista Sydney Possuelo.

Foi o próprio Possuelo quem levou, além de Ramiro de La Reza, o geólogo do INPE, Paulo Roberto Martini, o geólogo da Universidade da Bahia, Arno Brichta e o especialista em meteoritos da Sociedade Histórica e Geográfica da Bahia, Wilton Carvalho, até a cratera. Foram 44 quilômetros de caminhada na selva, depois de uma viagem de dois dias e meio pelos rio Javari e Curuçá.

Nas cidades de Atalaia do Norte e Benjamin Constant, no Amazonas, os integrantes da expedição tentaram encontrar uma testemunha viva do que ocorreu, mas não conseguiram. "A expectativa de vida na região é baixa", afirma de La Reza.

Os relatos existentes foram colhidos cinco dias após o impacto pelo padre capuchinho Fedele d'Alviano, que visitava as populações ribeirinhas e tribos ao longo do rio Curuçá, afluente do Javari. Seringueiros contaram ao padre que "por volta das oito horas", o sol ficou cor-de-sangue, e uma penumbra espalhou-se sobre a região, como se uma densa nuvem tivesse escondido o sol. Uma cinza fina começou a cair, enquanto se ouviam barulhos vindos do alto, parecendo tiros ou assobios. Depois

veio o terremoto e pânico geral. O barulho foi ouvido em localidades a mais de 100 kms do local onde o objeto (ou objetos) teria caído. Nenhum incêndio na floresta foi reportado.

O relatório, depois de ter chegado ao Vaticano, acabou interessando, anos depois, a alguns pesquisadores. O fenômeno passou a ser conhecido como o Tunguska Brasileiro, uma comparação com a grande explosão que ocorreu em 1908 no rio Tunguska, na Sibéria, que destruiu 2.000 kms² de floresta.

As informações que chegaram a Roma, depois de saírem no jornal do Vaticano, foram noticiadas no jornal inglês Daily Herald, em março de 1931. A reportagem tinha um tom sensacionalista: contava que "três grandes meteoros caíram no Brasil, incendiando e despovoando centenas de milhas de florestas".

Os primeiros contatos com o INPE foram feitos em novembro de 1995 pelo diretor do Museu de Astronomia, Henrique Barros. Na região citada pelo padre, de La Reza encontrou "cicatrices" estranhas na floresta, depois de analisar fotos do Landsat. Além das fotos do satélite, foram estudadas imagens de radar tiradas na década de 70. Depois, um avião do INPE sobrevoou a área e fotografou o local indicado.